

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>
facebook.com/uemmoc
twitter.com/uemmoz
youtube.com/uemmoz

Edição: 362 | Segunda-feira, 20 de Julho de 2025 | Periodicidade: Semanal



GRANDE ENTREVISTA

“Queremos uma Universidade que sirva o povo com ciência”

- afirma o Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior

Num momento em que o ensino superior moçambicano enfrenta grandes desafios, o Reitor da Universidade Eduardo Mondlane, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, defende uma viragem estratégica: transformar a UEM numa Universidade de Investigação até 2028. Em entrevista exclusiva à Televisão de Moçambique, o

académico traça as prioridades da instituição, sublinha a necessidade de uma ciência aplicada aos problemas das comunidades e destaca o papel central da academia no desenvolvimento nacional, num contexto de desigualdades sociais, baixa taxa de empregabilidade e escasso financiamento à investigação.

Desde que assumiu o cargo de Reitor, quais são os problemas que identificou para os quais tem estado a concentrar as atenções?

A Universidade Eduardo Mondlane é uma instituição bastante consolidada. E, por via disso, ela tem instrumentos que guiam a sua governação, tais como a existência de

AINDA NESTA EDIÇÃO:

DIA AFRICANO DE COMBATE À CORRUPÇÃO

Estudantes de Direito da UEM defendem papel activo da juventude no combate à corrupção

Nepotismo, desvio de fundos públicos, suborno, extorsão, fraudes e irregularidades em concursos públicos figuraram entre as práticas de corrupção mais recorrentes em Moçambique.

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:
(+258) 87 345 6444
(+258) 86 812 8858
cecoma@uem.ac.mz



órgãos colegiais, como o Conselho de Reitoria, o Conselho de Directores, o Conselho Académico e o Conselho Universitário. Esses órgãos vão estipulando prioridades institucionais. É assim que a UEM está em processo de implementação do seu Plano Estratégico 2018-2028, onde está claramente estipulada a prioridade de transformação da UEM em Universidade de Investigação (UdI).

Mas essa transformação em UdI é quase uma imposição do nosso sistema, porque, ao longo dos 50 anos de independência do país, foram criadas muitas instituições de ensino superior, mas a UEM foi a que impulsionou a criação das outras instituições. O Estado investiu, em grande medida, tanto em termos de infraestruturas como de recursos humanos, na UEM, que, hoje, possui uma grande capacidade científica, daí que se justificava a sua transformação, ao que chamamos de diferenciação funcional.

De facto, está escrito que, até 2028, deve ser uma universidade de investigação. Mas o que é de facto uma universidade de investigação?

A Universidade tem quatro responsabilidades tradicionais: o ensino, a investigação, a extensão universitária e a inovação científica. O ensino foi uma prioridade e formou muitos quadros para beneficiar o funcionamento do nosso Estado, mas a investigação sempre esteve lá, não como uma dimensão de alicerce de todos os processos.

Ter uma universidade de investigação significa que o alicerce de todos os processos se centra na investigação. Portanto, uma investigação multidisciplinar, aplicada, e que contribua para a solução dos problemas concretos das comunidades. E isto só é possível quando se está perante uma instituição com maturidade.

Portanto, a UEM continua fazendo o ensino, faz e sempre fez a investigação, mas, agora, fundamenta todo o seu trabalho na base da investigação, não apenas para formar como também para contribuir para o crescimento das nossas comunidades. Isto porque quando se faz este exercício, há que, posteriormente, fazer a transferência deste conhecimento para as comunidades, através da extensão universitária.

Enquanto a UEM está neste exercício, continua a ser a universidade mais procurada pelos moçambicanos.

Sim! Isto demonstra o trabalho que é feito pela Universidade. Devo dizer que, mesmo

com as manifestações deste ano, tivemos mais procura do que o ano anterior, com cerca de 25.000 candidatos. É interessante perceber que as pessoas não apenas escolhem a UEM, mas entendem que é preciso se formar.

Ainda no âmbito da investigação, a nossa instituição integrou, em 2023, a uma Associação de Universidades de Investigação de África (ARUA), um grupo de 21 universidades que têm uma visão de transformação em universidade de investigação.

O facto de a UEM não estar a conseguir responder à procura, a Universidade sente-se pressionada? Como equaciona trabalhar para responder a esta procura social?

Neste momento, temos cerca de 60 universidades no país, entre públicas e privadas, mas a UEM tem sido a mais procurada por alguma razão. Devido ao excelente trabalho que tem estado a fazer. As capacidades que são criadas internamente dependem do investimento e das condições criadas. Em termos estatísticos, fala-se de cerca de 250 mil estudantes divididos por 60 universidades do ensino superior no país. Desse número, a UEM tem cerca de 50 mil estudantes, portanto, 20 por cento do universo total. De facto, a procura continua sendo maior que a capacidade de resposta. Mas isto depende das condições objectivas e a UEM tem o rigor nos seus processos; mesmo para a abertura dos cursos, esta deve obedecer a condicionalismos que são necessários para ampliar as ofertas formativas.

Por exemplo, em 2026, vamos lançar o curso de Licenciatura em Engenharia de Telecomunicações e Engenharia de Petróleos, além da introdução de 5 cursos, muito recentemente, nas áreas de Geologia, Minas e Petróleo. Portanto, esta é a forma de ampliar, mas temos que ampliar com qualidade, por isso, continuaremos a ter essas limitações nas admissões.

Em termos de gestão, a UEM é independente ou depende do Governo?

A UEM é uma universidade pública. A maior parte do nosso orçamento vem do Estado, sobretudo, para o pagamento de salários. Em Moçambique, apenas 0.33 por cento do PIB é colocado a favor da ciência e da investigação. Trata-se de uma percentagem mínima e isto coloca desafios às instituições que se pretendem de qualidade.

Por isso, a UEM através dos seus docentes, recorre às aplicações das chamadas internacionais e através das parcerias de relevo



a nível nacional e internacional que nos permitem realizar a investigação que nós fazemos.

Temos parceiros destacáveis como a Suécia, com mais de 45 anos de parceria. Tem apoiado em várias áreas, incluindo na investigação. Temos a Itália, um parceiro de longa data, entre outros.

Também temos estado a criar Centros de Excelências. Temos, actualmente, Centros de Excelência em Petróleo e Gás, e o de Sistemas Agroalimentares e Nutrição, financiados pelo Banco Mundial. São áreas preponderantes para o crescimento do país, e é através de parcerias e da capacidade interna dos recursos humanos existentes que respondemos às chamadas internacionais competitivas que conseguimos projectos para continuar a fazer a investigação e a extensão universitária à favor do país.

Magnífico Reitor, há uma reclamação generalizada sobre o preço de propinas nas universidades em Moçambique. Que avaliação faz das propinas que a UEM aplica tendo em conta o contexto?

Na verdade, o que se paga não corresponde a 2 por cento daquilo que seria o custo real do estudante por ano. Em termos de propina, o nosso estudante diurno paga, dependendo do número das disciplinas, cerca de 3 mil meticais. Mas se for um curso técnico como Medicina ou Engenharia, há custos relativos aos reagentes, manutenção das salas de aula e outros.

O que que se paga está muito longe do que corresponde a verdade. O Governo tem estado, em grande medida, a subsidiar a formação superior, sobretudo, no período diurno.

E mais do que isso, o Estado, via mecanismo de bolsas de estudo, tem estado a atribuir aos mais carenciados a oportunidade de não pagar, incluindo ainda um subsídio mensal que lhe permite frequentar o ensino superior.

Ao nível da UEM, temos nove residências

universitárias em que acomodamos os menos favorecidos para poderem frequentar o ensino superior em condições aceitáveis.

Continuamos a cumprir com a responsabilidade que nos foi atribuída pelo presidente Samora Machel, segundo o qual, a UEM devia ser uma universidade do povo para o povo.

Em relação ao pós-laboral, há um custo mínimo que deve ser pago, porque há que remunerar os docentes que não são pagos com o salário do período regular, entre outras condições necessárias para que o curso funcione.

Em média, quantos estudantes a UEM coloca por ano no mercado?

Do universo dos 250 mil estudantes em todas as universidades, 10 mil são graduados por ano. E, desse número, nós colocamos no mercado dois mil estudantes anualmente. Tendo em conta o universo da população moçambicana, é uma gota no oceano. O grande desafio que temos é fazer crescer a indústria transformadora para acomodar os que são graduados para o mercado do trabalho.

Questiona-se muito o que se estuda nas universidades e as necessidades do mercado laboral. Como avalia essa situação?

Os desafios da formação continuam diversos e, do ponto de vista da qualidade que se oferece, também variam. A primeira solução passa por envolver o sector produtivo no processo da formação. Em países como EUA, a maior parte da investigação decorre nas empresas, a partir de académicos que são levados das universidades, com soluções concretas que partem das preocupações da própria empresa. E, quando são desenhados os currículos das universidades, o sector produtivo deve definir o que se precisa de facto.

No caso da UEM, nós não desenhamos nenhum currículo sem envolver os que estão interessados na área, que é o sector produtivo. E, também, envolvemos os especialistas dessas áreas no processo de formação, por terem a experiência prática necessária para os jovens. Mas, também, é preciso que as instituições ofereçam oportunidades aos estudantes de terem os chamados “*soft skills*”, sem os quais, os graduados não podem responder às preocupações do mercado apesar de terem uma capacidade técnica de qualidade.

Então, a ligação entre o sector produtivo e as universidades não deve acontecer como um mecanismo de recepção dos candidatos já graduados. Deve ser um mecanismo que



começa a partir do desenho dos próprios currículos, garantindo o acompanhamento e interação ao longo da formação para que no fim aquele graduado tenha identidade em relação ao mercado.

O Reitor está a dizer que o que as universidades formam ainda é inferior, olhando para o universo populacional. Mas há uma percepção pública de que as universidades estão a formar um exército de moçambicanos e desempregados.

Um estudo por nós feito indica que o graduado da UEM, em média, acede ao emprego em um ano. Em Moçambique, formamos em demasiado na área das ciências sociais e humanas, 73 por cento. Estamos a formar mais nas universidades ao invés dos politécnicos, que incorporam o saber fazer. É importante falar das nossas escolas superiores que foram criadas e pensadas em função da localização geográfica. E, eu, constatei que elas não têm estado a fazer o papel para o qual foram inicialmente pensadas. E o que estamos a fazer, é garantir que essas escolas não só produzam como também sirvam de um espaço de aprendizado real.

Para resolvermos o problema do emprego, primeiro é mantermos a indústria transformadora e, depois, fazermos o maior equilíbrio possível na formação, entre as ciências sociais com as áreas do STEM (Ciências, Tecnologias, Engenharias e Matemáticas).

Nos últimos 50 anos, acha que a academia deu um contributo destacável para o crescimento do país?

Sim. Porque, ao longo deste tempo, houve sempre uma responsabilidade que foi atribuída às instituições de ensino superior, em que a primeira era de formação de quadros, a maior parte dos quais servem, hoje, o país. Mas há uma outra componente que as universidades também conseguiram responder, que é incutir a responsabilidade histórica e identitária nos formandos. O

pensamento moçambicano tinha que sair das universidades moçambicanas. Hoje, temos moçambicanos com pensamento estritamente de patriota. Mas também existe a componente da responsabilidade social. O Estado, por via das instituições de ensino superior, formou vários moçambicanos que continuaram a servir o país. Apesar de sofrerem várias transformações ao longo deste tempo, as universidades contribuíram, em grande medida, para o crescimento deste país.

E para que este contributo se mantenha, o que deve continuar a ser feito pela universidade?

Como disse, o papel das universidades é a formação de quadros com qualidade, capazes de servir o país. Temos também de pensar que o processo de crescimento do país só será possível se as instituições de ensino superior estiverem envolvidas.

Qual deve ser o papel da academia para suprir as desigualdades sociais profundas que existem no país?

Aqui há um desafio de fazermos uma investigação aplicada às necessidades das comunidades. Temos também que desenhar estratégias que permitam que o investimento feito de grande impacto possa ser nas comunidades e feito por aqueles que tem conhecimento científico. Por exemplo, no tema das mudanças climáticas, penso que a academia ainda não está a fazer aquilo que devia fazer, porque não cabe apenas a investigação, mas incluir a advocacia que consiste na transmissão de mensagens impactantes para que as pessoas percebam. Por exemplo, a questão do terrorismo, em Cabo Delgado, o que a universidade está a fazer? Portanto, o que eu defendo, é que a academia saia dos muros da universidade, mas, para isso acontecer, deve haver um projecto de grande escala que assegure que há uma ligação entre os planos do Governo e os planos de investigação que deve ser feita nas instituições de ensino superior.

DIA AFRICANO DE COMBATE À CORRUPÇÃO

Estudantes de Direito da UEM defendem papel activo da juventude no combate à corrupção

Nepotismo, desvio de fundos públicos, suborno, extorsão, fraudes e irregularidades em concursos públicos figuraram entre as práticas de corrupção mais recorrentes em Moçambique. A denúncia partiu de estudantes finalistas da Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), durante o Fórum de Transparência e Cidadania, realizado em alusão ao Dia Africano de Combate à Corrupção, que se assinala a 11 de Julho.

Sob o lema “O Papel da Juventude na Promoção da Dignidade Humana”, os estudantes debateram as causas, consequências e soluções possíveis para um dos fenómenos que mais lesam os cofres públicos e comprometem a prestação de serviços essenciais à população.

De acordo com David Macuácuca, finalista do curso de Direito, dados do Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC) revelam que, apenas em 2024, foram registados 1.734 processos relacionados com práticas corruptas. “Esses números não incluem os casos de extorsão que ocorrem diariamente na via pública”, alertou o estudante.

Por seu turno, Naércio Muchanga destacou que a corrupção corrói a confiança dos cidadãos nas instituições públicas, resultando em injustiças flagrantes e na violação dos direitos fundamentais. “Porque numa situação em que vários cidadãos precisam do mesmo serviço e não podem beneficiar dele por causa de situações criadas, a dignidade humana é severamente afectada, incluindo a violação dos direitos fundamentais”, frisou.

Muchanga defendeu que a juventude deve assumir um papel de liderança na luta contra a corrupção, promovendo uma cultura de ética e integridade. É nas pequenas



David Macuácuca



Naércio Muchanga

acções do dia a dia que podemos fazer a diferença: recusando subornos, denunciando injustiças e actuando com transparência onde quer que estejamos, enfatizou.

O estudante sublinhou ainda o papel das tecnologias no combate ao fenómeno. “Temos agora o caso da emissão do bilhete de identidade em que o cidadão acede aos serviços, é um exemplo de sucesso.”

Na abertura do evento, o Director da Faculdade de Direito, Prof. Doutor Eduardo Chiziane, destacou que o fórum teve como objectivo central sensibilizar os estudantes e reforçar os mecanismos de prevenção da corrupção em Moçambique.

“É importante que os jovens dominem

as ferramentas conceptuais de combate à corrupção, compreender o fenómeno, bem como participarem de iniciativas de prevenção.”

O Director reiterou que, no plano pedagógico, a Faculdade de Direito oferece aos seus estudantes ferramentas sólidas para a análise crítica, intervenção jurídica e promoção de uma cultura de integridade no exercício profissional.

O Dia Africano de Combate à Corrupção é uma oportunidade para reforçar o papel transformador da juventude moçambicana na construção de uma sociedade mais justa, transparente e comprometida com o desenvolvimento sustentável.



Ética em crise: meios de comunicação entre a verdade e o mercado

- Especialista aponta a erosão dos valores éticos no jornalismo moçambicano

“Mentir não é natural, mas torna-se hábito quando o fazemos todos os dias”, alertou a especialista em ética, Jovita Fazenda, durante uma palestra proferida na última Segunda-feira (15/07), na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA-UEM), subordinada ao tema “Práticas da ética e compliance nas empresas e instituições moçambicanas”.

Segundo a especialista, os meios de comunicação social estão a viver uma crise ética profunda, movida pela crescente mercantilização da informação. O foco, que outrora era o de informar com isenção e responsabilidade, tem cedido lugar à lógica do lucro e da propaganda. Os media passaram a priorizar conteúdos vendáveis em detrimento da missão de informar e educar a sociedade, constatou.

Fazenda afirma que a deterioração do tecido ético e moral das sociedades moçambicanas está a reflectir-se nos media, que deixaram de ser baluartes da verdade para se tornarem instrumentos de entretenimento e manipulação. “Quando os media falham na sua função, abrem espaço para que actores políticos manipulem a opinião pública. As pessoas são guiadas por quem tem a voz”, disse.

Durante a palestra, a investigadora defendeu que a ética no jornalismo vai além da simples denúncia de factos negativos. Para a interveniente, a comunicação social

deve garantir o equilíbrio informativo e o compromisso com o interesse público. “É preciso perguntar: será que nas instituições onde trabalhamos conseguimos influenciar decisões que garantam que as boas histórias também sejam contadas?”, desafiou.

A ética, segundo a especialista, está ligada à honestidade e à consciência crítica que cada profissional deve cultivar. “As nossas atitudes influenciam o espaço onde estamos inseridos. A pergunta que devemos fazer é: estou a contribuir positivamente para esse ambiente?”, disse, incentivando os presentes a refletirem sobre o seu papel ético no exercício profissional.

Jovita Fazenda deixou ainda um alerta inquietante: “mentir diariamente dói e cria nervos num primeiro momento, mas, depois, se torna hábito, porque as pessoas vão tirando os próprios filtros para o erro e tudo que viola os princípios e valores segue a mesma proporção.”

A palestra despertou reflexões entre os estudantes e profissionais presentes, destacando



Jovita Fazenda

a urgência de reforçar os princípios de ética e responsabilidade no jornalismo moçambicano, sobretudo num contexto em que o acesso à informação credível é cada vez mais desafiado por interesses comerciais e políticos.





XIII CONFERÊNCIA CIENTÍFICA - 2025

50 anos de Independência de Moçambique: A UEM na ciência, tecnologia e inovação em prol do desenvolvimento

▶ MAPUTO, 16 - 19 de SETEMBRO de 2025

A Conferência Científica da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), é um fórum bienal, inter e multidisciplinar, que visa a apresentação e disseminação dos resultados da investigação realizada por docentes, investigadores e estudantes da UEM e de outras instituições nacionais e internacionais. Este evento constitui um espaço de partilha de oportunidades, de estabelecimento de contactos, parcerias e interação entre a comunidade académica nacional e internacional, sociedade no geral e parceiros de cooperação. A UEM dedica esta XIII Conferência Científica à reflexão sobre o seu contributo para o desenvolvimento das comunidades e da sociedade moçambicana através da ciência, tecnologia e inovação, nestes 50 anos da independência. O evento abrange diversas áreas científicas que contribuem para o desenvolvimento global.

ÁREAS TEMÁTICAS

1. Saúde e bem-estar
2. Recursos Naturais, Ambiente e Mudanças Climáticas
3. Engenharia, Inovação e Transformação Tecnológica
4. Produção Agrícola, Animal e Florestal
5. Governança, Economia e Direitos Humanos
6. Território, População e Desenvolvimento Sustentável
7. Cultura, Sociedade, Educação e Informação
8. Inteligência Artificial e TICs
9. Transversais¹

INSCRIÇÕES

Os interessados em participar neste evento deverão inscrever-se, nos prazos indicados, através do link: <https://shorturl.at/1GXS6>

ELABORAÇÃO DOS RESUMOS

Os autores devem apresentar os resumos das comunicações orais e poster, obedecendo as instruções apresentadas no seguinte link: <https://shorturl.at/volbi>.

Os autores devem indicar o formato no qual pretendem apresentar o trabalho: comunicação oral ou poster.

Os trabalhos aceites para apresentar na XIII Conferência Científica, uma vez elaborados os manuscritos, poderão ser submetidos à Revista Científica da UEM, desde que os autores sigam os procedimentos e normas vigentes.

DATAS IMPORTANTES

28/02/2025	Início das inscrições dos participantes e submissão dos resumos
30/05/2025	Data-limite para a submissão dos resumos
15/07/2025	Notificação e divulgação dos resultados da avaliação dos resumos
08/08/2025	Fim das inscrições dos participantes
01/09/2025	Data-limite para a submissão das apresentações em <i>Powerpoint</i> ou <i>Poster</i> ²
01/09/2025	Divulgação do Programa da XIII Conferência Científica da UEM
16-19/09/2025	Realização da XIII Conferência Científica da UEM

¹ Trabalhos transversais às outras áreas temáticas como por exemplo Género, Desporto e Cidadania.

² Consultar as instruções de como preparar a apresentação e o poster no website: <https://conferenciacientifica.uem.mz>

DÚVIDAS E INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Para informações adicionais sobre o evento poderá contactar a organização através do seguinte endereço eletrónico: conferenciacientifica@uem.mz ou Telemóvel/Whatsapp: +258 82 327 0962

 www.uem.mz

 facebook.com/uemmoz

 twitter.com/uemmoz

 youtube.com/uemmoz

XI Edição dos Jogos da UEM prometem dinamizar o desporto universitário

Já decorrem, na máxima força, as partidas referentes a XI Edição dos Jogos da UEM que prometem dinamizar o movimento desportivo universitário, entre os dias 19 e 26 de Julho corrente. O pontapé inicial foi dado pelo Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior.

Ao todo, estão envolvidas, no certame, 27 equipas e 600 estudantes do ensino superior, provenientes das faculdades e escolas da UEM, incluindo aquelas localizadas fora da cidade de Maputo, e ainda instituições convidadas que, durante uma semana, vão competir nas modalidades de futsal, futebol de 11, andebol e basquetebol.

Sob o lema “Desporto Universitário, celebrando 50 anos da Independência de Moçambique”, os jogos da UEM constituem uma plataforma de promoção do desporto universitário, reforço da convivência intercultural, inclusão e socialização entre estudantes de diferentes instituições e regiões do país.

Procedendo à abertura oficial, o Reitor da UEM explicou que os jogos desta edição decorrem num contexto em que a universidade aposta forte no desporto não apenas como modalidade, mas como um elemento importante para a construção e crescimento dos jovens universitários, apelando para que se utilizem as competições desportivas para reforçar os laços de irmandade e fraternidade que o ambiente desportivo proporciona.

Todavia, reafirmou o compromisso institucional para que os Jogos da UEM façam parte das actividades da instituição que dirige, não apenas como uma componente da formação dos estudantes, mas como parte das actividades extracurriculares.

O Reitor augura que, durante as competições, os atletas tenham discernimento para deixar de lado as diferenças que os separa em campo e reconheçam que pertencem a uma mesma instituição de ensino superior e que todos estão a trabalhar, não apenas para o crescimento da UEM, mas de todo um país. “Fico feliz em ver rapazes e meninas empenhadas na dinâmica da



competição”, disse.

Agradeceu o apoio dos parceiros na criação de condições para a realização do certame e apelou ao desportivismo e o espírito de “fair play”, de modo a se evitar qualquer tipo de violência durante as partidas.

Na sequência, a Presidente do Comité Organizador do Jogos da UEM, Lic. Lurdes Munguambe, agradeceu, particularmente,

as escolas de fora da Cidade de Maputo, o esforço concedido para garantir a sua participação na prova através do envio das respectivas delegações.

Garantiu estarem criadas condições para que as competições decorram num ambiente de grande harmonia e cooperativismo entre os atletas.



FICHA TÉCNICA

Director: Adão Matimbe

Editor: Cezinando Gabriel

Redacção: Carlos Macuacua e Deuladeu Domingos

Revisão Linguística: Prof. Doutor Eliseu Mabasso

Layout: Nelton Gemo

Fotografia: Boaventura Mandlate

Contacto:

Centro de Comunicação e Marketing da UEM (CECOMA)

Campus Universitário Principal

Av. Julius Nyerere, nr. 3453, Maputo

+258 (21) 430239 | cecoma@uem.ac.mz

www.jornal.uem.mz



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

**CENTRO DE ESTUDOS INDUSTRIAIS,
SEGURANÇA E AMBIENTE (CEISA)**

CURSOS ONLINE DE CURTA DURAÇÃO

Com direito a certificado



CURSO DE FUNDAMENTOS DE SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO (IX EDIÇÃO)

Duração: 04 - 08 de Agosto de 2025

Horário: 17:00h - 20:00h

Data - limite para inscrições: 02/08/2025

Tópicos:

- Introdução á Saúde e Segurança no Trabalho;
- Sinalização de Segurança;
- Tipos de agentes de riscos ocupacionais e ambientais;
- Segurança no trabalho em espaços confinados;
- Respostas a Situações de Emergência;
- Explosões e Incêndios e Relatório de investigação de acidentes.

INVESTIMENTO:

Estudantes de nível médio e de licenciatura: 3.750 Mt

Estudantes de mestrado: 6.000 Mt

Público em geral: 7.500 Mt

CURSO DE PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO AMBIENTAL (AIA) EM MOÇAMBIQUE (VII EDIÇÃO)

Duração: 11 - 15 de Agosto de 2025

Horário: 17:00h - 20:00h

Data - limite para inscrições: 08/08/2025

Tópicos:

- Introdução á Avaliação de Impacto Ambiental;
- Instrução do processo de AIA;
- Estudo de pré-viabilidade e definição de âmbito;
- Alternativas do projecto de contrabalanços de Biodiversidade;
- Processo de consultas públicas no processo de AIA;
- Plano de Reassentamento no processo de Avaliação de Impacto Ambiental.

DADOS BANCÁRIOS:

Banco: Millennium BIM

Conta: 1170015

NIB: 000100000000117001557

Titular: UEM-CEISA



Celular:
+258 84 701 9923



E-mail:
ceisa@uem.mz



Endereço:
Rua Joseph Ki-Zerbo nº 170/R.C